

REVISTA DE HISTÓRIA DAS IDEIAS 18

HISTÓRIA • MEMÓRIA • NAÇÃO



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1996

SALAZAR: A ELABORAÇÃO DE UMA IMAGEM

1. A construção do mito: do Salazar político ao Salazar biografado

Os anos trinta são fortemente marcados pela depressão capitalista e pela ideia de um poder personalizado. A visão quase messiânica do líder salvador que, no meio da crise generalizada, surge para salvar as Nações da bancarrota final, aparece um pouco por toda a parte: na América do *New Deal* é Franklin Delano Roosevelt, que resistindo à paralisia comanda os Estados Unidos na saída da depressão, e na Alemanha nazi, é Hitler que aparece como, no dizer de Goebbels, "o portador da vontade nacional alemã"^(^), restituidor da dignidade alemã. Salvaguardadas as diferenças, nos fica a visão do Homem invulgar que ultrapassa as limitações humanas e históricas para o bem-geral do país.

A imagem do político no Estado pós-liberal é, pois, uma arma para a manutenção do poder, e se a repressão é, de facto, uma constante em determinados regimes, a manipulação desta imagem revela um controlo mais subtil mas, nem por isso, menos eficiente. A importância da propaganda política, seja organizada em aparelhos próprios ou não, surge-nos com clareza ao analisarmos os "mitos" que foram criados em torno de determinadas figuras no período do

* Faculdade de Letras da Universidade Católica Portuguesa (Pólo Viseu).

O J. Goebbels, "El Führer", in *Alemania y el Mundo Ib ero-Americano*, Berlin, Ibero-Amerikanisches Institut, 1939, p. 13.

entre-guerras, mormente ditadores como Mussolini, Hitler ou Salazar. As biografias, produzidas especialmente após a Primeira Grande Guerra quando surgem como uma espécie de moda literária⁽²⁾, são uma fonte privilegiada para a reconstrução destas figuras do imaginário político do Estado Intervencionista ou Autoritário. Outras fontes, não tão "clássicas" mas preciosas, são os livros infantis, os panfletos, a fotografia, as emissões de rádio, ou o cinema, estes últimos importantes veículos de comunicação.

O final da Segunda Grande Guerra acarreta, todavia, o apagar da imagem da maioria dos grandes líderes: Roosevelt morre ainda no decorrer do conflito, Mussolini e Hitler, derrotados, têm as suas imagens redefinidas como "criminosos de guerra", Staline, um outro ditador carismático, mantém-se com sobressaltos até o seu assassinato e o início da abertura soviética de Kruchtchev nos anos cinquenta. No meio das mudanças uma figura, porém, continua no poder e a sua imagem, ainda que sofra algumas alterações, permanece essencialmente semelhante ao perfil que lhe fora traçado a partir dos anos trinta, António de Oliveira Salazar. O nosso objectivo no presente trabalho é fornecer um primeiro esboço da imagem de Salazar elaborada pela propaganda, oficial ou não, do regime e de sua evolução até o início da derrocada do Estado Novo⁽³⁾. Para tal, foram seleccionadas algumas obras, agrupadas em três vertentes principais de análise, com o fito de fornecer uma visão da imagem oficial de Salazar e de suas possíveis mudanças no decorrer destes anos. Tais vertentes abrangem as visões de Salazar como político, como "homem comum", e como personagem messiânico.

A primeira obra que versa sobre Salazar é de 1930, *O Ditador das Finanças*, sendo muito mais um "ajuste de contas" do regime do que um discurso biográfico. O seu autor é Leopoldo Nunes, um jornalista do periódico *O Século*, e, a partir de 1935, redactor da Assembleia Nacional. A obra possui um prefácio de autoria do Sub-

⁽²⁾ Luisa Passerini, *Mussolini Immaginario*, Bari, Editori Laterza, 1991, p. 154 ss.

⁽³⁾ Não nos deteremos aqui, por um determinado interesse de pesquisa, no perfil psicológico de António de Oliveira Salazar, nem tampouco na sua trajectória enquanto homem político. Sobre o tema ver a obra de Jorge Ramos do Ó, *O lugar de Salazar: Estudo e Antologia*, Lisboa, Alfa-Omega, 1990; e César de Oliveira, *Salazar e o seu tempo*, Lisboa, O Jornal, 1991.

Secretário de Estado das Finanças, Dr. Armindo Monteiro, que apresenta Salazar como "Chefe incontestado do movimento de ressurreição"^(4), que faz da verdade "o seu maior apoio, a sua grande força"^(5). Comprovando tal afirmação, o autor apresenta dados numéricos, estatísticos, comparando-os com a situação anterior ao 28 de Maio, descrita como "um caminho ao suicídio". Salazar, no dizer do próprio Leopoldo Nunes, é definido no texto pela obra^(6). As breves menções à personalidade do Ministro das Finanças enquadram-se na dimensão da sua acção política, sendo a obra *O Ditador das Finanças* mais uma "biografia" do regime, identificado aqui à figura de Salazar, do que uma narração biográfica do então Ministro de Estado. Neste mesmo sentido, apontam uma parte das publicações oficiais que destacam a figura de Salazar nos anos que se seguem. Obras como *O Retrato do Chefe*, de Carneiro Pacheco, editada pela União Nacional, ou *L'oeuvre du Professeur Salazar*, editada pelo SPN, ou, ainda, publicações não oficiais como a de Costa Júnior, um açoriano que escreve uma obra intitulada *Portugal de Salazar*, ou *Salazar e a Mística Nacionalista*, de B.P., um desconhecido alentejano de Moura, ou *A Salazar, Mestre na Grey, Chefe na Ley, Política do Estado Novo na Póvoa do Varzim*, que reúne discursos do médico Abílio de Carvalho, Presidente da Comissão Concelhia da Póvoa, configuram uma vertente de publicações, que identificam a actuação do regime com a acção pessoal de Salazar, assimilando, portanto, a figura do Chefe do Conselho ao Estado Novo.

Em 1933 surge a mais conhecida obra sobre o ditador, *Salazar, o homem e a sua obra*, de António Ferro^(7), a entrevista que assinala o

(4) Leopoldo Nunes, *O ditador das Finanças*, Lisboa, Ottosgráfica, 1930, p. 7.

(5) Leopoldo Nunes, *ob. cit.*, p. 11.

(6) "É a sua obra que o define. As características especiais de inteligência, de cultura, de previsão, de intransigência, de bom senso e de honestidade revelam-se a cada passo, nos documentos de urgência e nos diplomas definitivos, numa progressão que a todos assombra". Leopoldo Nunes, *ob. cit.*, pp. 193-194.

O Esta obra é publicada em 1934 em francês, numa versão de Fernanda de Castro, esposa de Ferro, com um prefácio de Paul Valéry. No ano seguinte surge a versão espanhola com um prólogo de Eugénio d'Ors. Em 1939, aparece a edição inglesa com um prefácio do estadista Austen Chamberlain publicado *pós-mortem*. Existem ainda diversas outras traduções incluindo-se uma em

início dos inquiridos ao Presidente do Conselho. António Ferro, então jornalista e autor polémico vinculado ao movimento modernista, busca realçar o lado mais humano do ditador, sem contudo deixar de realçar um outro eminentemente político, ou melhor, de líder. Este trabalho, seguindo a linha já exposta por Ferro em outras obras, como *Viagem em torno das ditaduras*, é marcado pela tentativa de "humanização" da figura de Salazar no sentido de quebrar com a imagem de "homem hostil"⁽⁸⁾, que parece ser a mais "vulgar" e corrente no período. Outras obras do género "reportagem" aparecem posteriormente, como *Salazar e a "A Verdade"*, de Costa Brochado, de 1933, ou um pequeno folheto intitulado *Eu falei com Salazar*, da autoria de uma jornalista goesa Thelma Rocha, surgido em 1958, no contexto da crise de Goa, e que reafirma para os goeses e todos os portugueses que Salazar, "esse homem admirável, na intimidade, é absolutamente como o diziam os conhecedores — uma pessoa simples e cheia de bonomia"⁽⁹⁾.

A vertente mais humanizadora do Chefe do Conselho está presente em diversas obras, acentuando-se curiosamente nos anos posteriores ao fim da Segunda Guerra Mundial⁽¹⁰⁾. Nos anos trinta temos, por exemplo, o caso de *Salazar na Intimidade* (1936)⁽¹¹⁾, de Arthur Mendes Távora, um advogado e conservador do Registo Civil em Santa Cruz na Madeira, que apresenta uma árvore genealógica do Presidente do Conselho, atribuindo-lhe um passado de nobreza, apesar de afirmar a sua origem humilde e a sua infância de menino pobre. Em 1938 aparece uma publicação intitulada *Perfil de Salazar*⁽¹²⁾,

língua *concani*, publicada em Goa. Sobre o tema ver: Franco Nogueira, *Salazar: Os tempos Áureos (1928-1936)*, vol II. Coimbra, Atlântida Editora, 1977, pp. 187-188.

⁽⁸⁾ António Ferro, *Salazar, o homem e sua obra*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1933, p. 18.

⁽⁹⁾ Thelma Rocha, *Eu falei com Salazar*, Lisboa, Tipografia Silvas, 1958, p. 3.

⁽¹⁰⁾ Não nos deteremos aqui, por razões óbvias, na análise de toda as obras produzidas sobre Salazar, quer aquelas que o tomam como símbolo do regime, quer aquelas que o vêem como homem, já que tal tarefa extrapolaria o âmbito de um artigo.

⁽¹¹⁾ Arthur Mendes Távora, *Salazar na intimidade*, Braga, Oficina Grafica Pax, 1936.

⁽¹²⁾ Luiz Teixeira, *Perfil de Salazar: Elementos para a história da sua vida e da sua época*, Lisboa, Empresa do Anuário Comercial, 1938.

de Luiz Teixeira, jornalista, redactor do *Diário de Notícias*, vencedor de prémios do Secretariado de Propaganda Nacional⁽¹³⁾, nomeadamente o Prémio Ramalho Ortigão (melhor ensaio) oferecido à mencionada biografia, sendo na década de quarenta vereador da Câmara Municipal de Lisboa. Esta biografia fornece um histórico da vida de Salazar, da sua infância ao período da sua chegada ao governo, sendo traduzida em 1940 para espanhol e francês, e em 1943 para o inglês, tornando-se, ao que parece, a obra mais divulgada neste período. Nos anos quarenta a "febre" das biografias parece diminuir, apesar da publicação de outras obras como *O Homem que reabilitou Portugal* (1940), de João Xavier do Carmo Couto e *Surgiu...Salazar!* (1949), de Ápio Garcia, jornalista e uma espécie de biógrafo de Salazar⁽¹⁴⁾. Na década de cinquenta é retomada com força esta vertente do Salazar humano, em especial, com a obra de Christine Garnier⁽¹⁵⁾, *Vacances avec Salazar*, traduzida para português e publicada em diversas edições, *Salazar; Professor e Educador de um Povo* (1953), de Matos Gomes, ou ainda o álbum fotográfico *Salazar na Intimidade* (1954), de Frederic Marjay, um editor de Lisboa.

Por fim, cumpre assinalar uma outra imagem do Presidente do Conselho, ou seja, a leitura "sebastianista" da figura de Salazar presente em obras como *Epopéia de Salazar*, de Santos Cravina, jornalista do *Diário da Manhã* e funcionário público, *Avé, Salazar*, de Zuzarte de Mendonça Filho, *Saudação à Bandeira Portuguesa e a Salazar*, de José Alves de Amorim ou *Direita, Volver!*, de Oliveira Mouta, onde Salazar é visto como um enviado divino ou o grande messias do nacionalismo de extrema direita.

2. O Perfil de Salazar: uma imagem construída

2.1. Do Salazar político

No *Jornal da Guarda*, em 28 de Julho de 1935, há um artigo intitulado "Salazar é isto", onde se afirma que "nem a petizada mais 'miúda', mesmo àquela que ainda não frequenta a escola primária,

(13) Foi vencedor do Prémio Afonso de Bragança (melhor reportagem) em 1939 com o texto "Epopéia dos Humildes".

(14) É de sua autoria, de igual forma, uma outra obra, de 1968 intitulada *Um homem chamado Salazar*; Lisboa, António Francisco Barata, 1968.

(15) Trabalharemos aqui com a 7ª edição, em português, do ano de 1952.

passa despercebida e indiferente a figura grandiosa de Salazar. Há uns meses, mostrando o Álbum de 1934 do SPN a um petiz de 4 anos, uns olhos azuis muito vivos, perguntámos-lhe apontando o retrato o Sr. Presidente do Conselho: — Quem é este?. O petiz sorriu, com um sorriso bonito, confiado no que ia dizer, e respondeu, sem vacilar: — É o Salazar! — E quem é o Salazar? — perguntámos-lhe de novo. O pequeno olhou para o Álbum e, num relance rápido, perante os navios, os marinheiros, as colónias, os telefones e as estradas, retorquiu rapidamente: — Salazar, é isto tudo!⁽¹⁶⁾.

A assimilação entre a figura de Salazar e o regime é o mais comum, sobretudo, nas primeiras publicações que evocam o seu nome. O livro de Leopoldo Nunes, *O Ditador das Finanças*, é o primeiro "acerto de contas" da gestão do Ministro das Finanças em relação à situação deixada pelos seus antecessores: ou são apresentadas cifras numéricas e uma comparação dos gastos do Estado, tendo sempre como referenciais os períodos de antes e depois da gestão de Salazar.

Na entrevista publicada por António Ferro, a ênfase da sua actuação na construção do regime repete-se de forma ampliada, sendo tratados temas como "Os Monárquicos e a República", "A Ditadura e o Exército", "O Centro Católico diante da situação", "Significação e objectivos da União Nacional", "O problema da censura", "Comunismo", "O fascismo e a Ditadura portuguesa", "O problema da Instrução", "A obra financeira" e "O problema colonial". As questões são tratadas na óptica ideológica do Salazarismo, reafirmando a imagem da Ditadura como "calma, generosa, um tudo nada transigente, vagarosa"⁽¹⁷⁾, "uma Ditadura de direito sem dar grandes asas ao poder pessoal"⁽¹⁸⁾ e de Salazar, enquanto chefe de Estado, como "grande apóstolo das cifras"⁽¹⁹⁾, um homem que tem nas escadas do Ministério das Finanças "as escadas do seu Calvário e da sua

⁽¹⁶⁾ *Jornal da Guarda*, 28 de Julho de 1935, p. 4.

⁽¹⁷⁾ Tal afirmação aparece de forma contraditória quando se analisa o tema da violência e se recrimina o "sentimentalismo doentio" do português, e poucos parágrafos antes de Salazar defende o emprego de "meios violentos" na repressão dos "temíveis bombistas". António Ferro, *Salazar, o homem e sua obra*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1933, pp. 78 e 82.

⁽¹⁸⁾ António Ferro, *ob. cit.*, p. 78.

⁽¹⁹⁾ António Ferro, *ob. cit.*, p. 153.

Glória" (20), do professor de Coimbra que está no governo não por vontade própria, afirmando: "[...] Há todos os dias comboios para Coimbra ou para Santa Comba [...] Para lá irei se a isso me obrigarem..." (21).

À publicação de António Ferro segue-se a edição das entrevistas concedidas por Afonso Costa ao jornalista brasileiro José Jobim, compiladas e editada no Brasil sob o título *A verdade sobre Salazar*(22). Essa obra apresenta-se como "uma resposta ao 'Salazar' do Sr. António Ferro"(23). E justifica-se o jornalista: "deveria compol-o um portuguez. Mas o Estado totalitário do Doutor Salazar, pela sua própria estrutura e finalidade, se attribue em Portugal o dominio absoluto dos prélos e das consciencias. Além do mais, a dictatura portuguesa mantem um amplo e bem organizado serviço de propaganda entre nós"(24).

A reacção em Portugal e no Brasil(25) não se faz esperar e, ainda em 1934, é publicado o livro de Henrique Cabrita, membro da Comissão Executiva da União Nacional, *Esta é a verdade sobre Salazar*(26).

(20) António Ferro, *ob. cit.*, p. 154.

(21) António Ferro, *ob. cit.*, p. 154.

(22) José Jobim, *A verdade sobre Salazar*, Rio de Janeiro, Calvino Filho Editor, 1934.

(23) José Jobim, *ob. cit.*, p. 7.

(24) *Idem*, p. 8. O autor refere-se à propaganda pró-regime levada a efeito pelas instituições oficiais da colónia portuguesa no Brasil, como o Real Gabinete Português de Leitura ou a Federação das Associações Portuguesas do Brasil.

(25) No Brasil a Federação das Associações Portuguesas, criada em 1931 e abertamente a favor do regime, encomenda a Armando d'Aguiar, jornalista ligado ao periódico *Diário de Notícias*, uma obra sobre Salazar intitulada *Oliveira Salazar; o homem e o ditador*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1934, na qual a imagem de Salazar é reabilitada enquanto homem, através de uma biografia que não foge aos moldes das outras publicações, e enquanto governante, um "ditador único e exclusivamente ditador. Mas um ditador sem tiranias nem violências escusadas, ditador sem atentados, um ditador dos nossos dias, da nossa época, humano, afinal, risonho, quase tímido". Armando d'Aguiar, *Oliveira Salazar; o homem e o ditador*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1934, p. 111.

(26) Henrique Cabrita intitula o livro de Jobim de "As mentiras sobre Salazar", ver *Esta é a verdade sobre Salazar*, Lisboa, Edição Império, 1934, p. 14. Esta obra é reeditada no ano seguinte.

O texto é rico em números, cálculos, cifras dos orçamentos, obtidos pelo autor através de contactos com o próprio Salazar, colocando em planos opostos os dois governos, o de Afonso Costa e o de Oliveira Salazar⁽²⁷⁾, afirmando, por fim, que "o entrevistado de Paris faz tábua rasa — porque o ignora ou maldosamente o esconde — todo o magnífico progresso material e moral realizado nos vários ramos da actividade pública e particular desde 1926 até hoje"⁽²⁸⁾. Mais uma vez, Salazar é visto como aquele que "salvou Portugal das ruínas em que éle — dr. Afonso Costa — e os seus companheiros o tinham deixado"⁽²⁹⁾.

Uma outra obra, que segue o rasto deixado pelo livro de Antonio Ferro é a de Costa Brochado, *Salazar e "A Verdade"*. Esta publicação reúne as entrevistas de Salazar ao periódico *A Verdade*, um jornal surgido no seio da direita para combater um outro periódico de igual nome, "uma folha clandestina"⁽³⁰⁾, um "revivalho"⁽³¹⁾, expressão do "comunismo em toda a sua cruel e implacável realidade"⁽³²⁾. A proposta de *A Verdade* é, portanto, de "defender uma doutrina certa e segura"⁽³³⁾, sendo um "jornal intransigentemente defensor dos poderes constituídos, sem a menor preocupação de agradar à custa de transigências que caracterizam as folhas escritas ao sabor dos baixos apetites das multidões ignaras"⁽³⁴⁾. Na defesa do regime lança a campanha "Cinco minutos como Salazar", nas quais os leitores são interrogados sobre as questões que colocariam ao Presidente do Conselho, e a seguir publica uma série com as indagações feitas a Salazar. O seu conteúdo não difere muito daquele já presente na obra de António Ferro, ou seja, o panorama da situação anterior e

(27) Ver Franco Nogueira, *Salazar. Os tempos Áureos (1928-1936)*, vol II. Coimbra, Atlântida Editora, 1977, p. 278.

(28) Henrique Cabrita, *ob. cit.*, p. 16.

(29) Henrique Cabrita, *ob. cit.*, p. 117.

(30) Costa Brochado, *Salazar e "A Verdade"*, Porto, Livraria Educação Nacional, 1937, p. 10.

(31) Costa Brochado, *ob. cit.*, p. 11.

(32) Costa Brochado, *ob. cit.*, p. 12.

(33) Costa Brochado, *ob. cit.*, p. 13. O jornal é composto apenas de quatro folhas e vai circular até 1936, contando com a colaboração de Homem Christo, Manuel Anselmo e reproduz diversos trechos dos discursos parlamentares, sempre assinalando o lado negativo da República.

(34) Costa Brochado, *ob. cit.*, p. 20.

as medidas do governo para solucionar os problemas existentes, "a desordem e o caos no funcionalismo público"⁽³⁵⁾, "o pão, a classe média e a vida..."⁽³⁶⁾, a excepcionalidade do regime em comparação com as demais ditaduras europeias, "não se pode comparar o trabalho de Salazar com o de Hitler ou Mussolini"⁽³⁷⁾, ou as questões relacionadas à União Nacional⁽³⁸⁾. De uma forma mais laudatória, Salazar aparece, por sua vez, como "o genial e consagrado restaurador deste velho Portugal"⁽³⁹⁾.

Na propaganda oficial a imagem do Chefe é a do "guia espiritual do Povo para as vitórias definitivas do seu destino"⁽⁴⁰⁾ ou ainda, a do "educador"⁽⁴¹⁾. Na obra de Thomaz Wylie Fernandes⁽⁴²⁾, *L'oeuvre du Professeur Salazar*, escrita especialmente para a Exposição de Paris de 1937, o Portugal do Estado Novo, estável económica, social e politicamente, é fruto da administração "habile et prudente", considerado pelos portugueses "à juste titre comme un des plus grands de leur souche"⁽⁴³⁾.

Na crónica política sobre Salazar o conjunto de anedotas surgidas em torno da sua pessoa e governo formam um universo à parte, curiosamente presente na literatura favorável ao regime⁽⁴⁴⁾.

⁽³⁵⁾ Costa Brochado, *ob. cit.*, p. 51.

⁽³⁶⁾ Costa Brochado, *ob. cit.*, p. 59.

⁽³⁷⁾ Costa Brochado, *ob. cit.*, p. 66.

⁽³⁸⁾ Costa Brochado, *ob. cit.*, p. 81.

⁽³⁹⁾ Costa Brochado, *ob. cit.*, p. 48.

⁽⁴⁰⁾ Carneiro Pacheco, *O Retrato do Chefe*, Lisboa, União Nacional, 1935,

p. 7.

⁽⁴¹⁾ Carneiro Pacheco, *ob. cit.*, p. 22. Esta ideia do "educador" é frequente, aparecendo em diversas outras obras como no livro de Matos Gomes já citado.

⁽⁴²⁾ Thomaz Willie Fernandes foi consultor económico do Ministério dos Negócios Estrangeiros e representante para os assuntos económicos na Sociedade das Nações.

⁽⁴³⁾ Thomaz Wylie Fernandes, *L'oeuvre du Professeur Salazar*, Lisboa, SPN, 1937, p. 61.

⁽⁴⁴⁾ Ainda que não seja objecto da nossa análise, a obra de Franco Nogueira também nos oferece uma imagem das "graças e ditos" mais célebres como estes: "uma banda de música de súbito emudecera ao passar em frente da casa de Salazar porque este ficara com as *notas*;" a Alemanha tinha um *führer*; a Itália um *duce*, Portugal um *cofrador*; os *quatro* Reis Magos eram *Gaspar, Belchior, Baltazar e...o outro* (aparecendo uma figura com máscara que

Em 1934, Armando d'Aguiar narra no seu trabalho, *Oliveira Salazar, o homem e o ditador*, publicado no Brasil, uma série interessante de anedotas veiculadas comumente em Portugal. A referência ao espírito "poupador" do Presidente do Conselho⁽⁴⁵⁾ ou mesmo à sua falta de popularidade⁽⁴⁶⁾, aparecem descritas em situações caricatas, sendo incorporadas ao discurso de forma a evidenciar a notoriedade de Salazar, transformando os seus apontados defeitos em possíveis qualidades. Tal facto, vai repetir-se na obra de Christine Gamier que interroga o próprio Salazar sobre a sua opinião acerca do rol de anedotas referentes à sua pessoa⁽⁴⁷⁾ e recebe, em troca, silêncio.

Na verdade, a apropriação das anedotas, sinais evidentes da contestação crítica à actuação do regime, é uma forma de contra-argumentação bastante interessante, pois fornece-nos dados para

reproduzia o rosto de Salazar); etc, etc.". Franco Nogueira, *Salazar: Os tempos Aureos (1928-1936)*, vol II. Coimbra, Atlântida Editora, 1977, p. 332 (nota de rodapé).

⁽⁴⁵⁾ Uma das anedotas citadas, posteriormente referida por Christine Gamier, fala de um funcionário que contou a Salazar que ia a pé para o trabalho para economizar o dinheiro do bilhete do eléctrico e que, um dia, por estar atrasado, resolveu correr atrás do transporte para continuar a sua poupança. Salazar, no entanto, teria-lhe-ia feito a seguinte sugestão: "— Agarre-se antes ao guarda-lama dum 'taxi'. Sempre economiza mais alguma coisa...". Armando d'Aguiar, *ob. cit.*, p. 193.

⁽⁴⁶⁾ Salazar, tendo caído no mar, foi salvo por um guarda, a quem se identificou como Presidente do Conselho, e ofereceu, como recompensa pelo seu acto, dinheiro, postos e honrarias. O seu "salvador", porém, em desespero só lhe teria feito um pedido: "— Por favor! Por amor de Deus, não diga a ninguém que fui eu que o salvei da morte!". Armando d'Aguiar, *ob. cit.*, p. 212.

⁽⁴⁷⁾ "Nos restaurantes oferece-se o 'bacalhau à Salazar'. É um prato muito pobre. Procura-se o peixe e não se encontra. Apenas se vêem quatro ou cinco batatas cozidas. Diz-se também que manda fazer fatos sem algibeiras porque, teria dito ao alfaiate, não quer ser apanhado de surpresa se pensarem em tirar-lhe o dinheiro. Outra história: Com o desejo de agradar, um funcionário do Ministério das Finanças, explica a V. Ex^a uma regra de severa economia que adoptou na sua vida: 'Todas as manhãs, em lugar de apanhar o 'eléctrico' corro atrás dele e poupo assim os oito tostões do bilhete'. Ao que V. Ex^a lhe teria observado: 'Mas, então, porque não corre atrás dum táxi? Economizava quatro escudos'". Christine Gamier, *Férias com Salazar, T* edição, Lisboa, Companhia Nacional Editora, 1952, p. 138.

reconstruir uma outra parcela do imaginário sobre Salazar. Desta forma, ao político exemplar, aceite como o "salvador", contrapõe-se o ditador frio, irredutível, poupador até as raías da miséria, impopular.

2.2. *Do Salazar Humano*

Tem pouco mais de cinquenta anos.

É alto, magro, com o busto ligeiramente inclinado.

Não usa barba nem bigode, e o cabelo, grisalho, usa-o apartado, despretensiosamente.

Veste roupa escura, como escura são as gravatas.

Os olhos grandes, castanhos-escuros, são olhos que vêem tudo, mesmo quando parece que estão a olhar para nada.

Raras vezes ri, mas sorri algumas vezes, porque a sua expressão é única; não é dura, mas não é afável, não repele, mas não chama; não irradia simpatia, mas não causa aborrecimento⁽⁴⁸⁾.

A descrição de Alexandrino Costa revela, antes de mais nada, as contradições existentes entre a imagem oficial formal de Salazar, a do Ministro de Estado, frio e impassível, sem outras preocupações mais humanas que os problemas do governo, e a tentativa de assimilar tal imagem à de um homem mais simples, heroico, "nada maquiavélico ou maquiavélico por necessidade"⁽⁴⁹⁾. Enquanto Luiz Teixeira, nos fornece uma visão do Chefe de Estado dotado de "competência", "exemplar honestidade", "qualidades excepcionais de pensador"⁽⁵⁰⁾, acentuando a formação exemplar de Salazar na infância e na juventude, António Ferro é o primeiro a afirmar que Salazar "do papão, do senhor carrancudo, do político áspero e mal encarado, nem vestígios, nem a mais leve sombra..."⁽⁵¹⁾. Alguns anos depois, ele é visto como "um homem de coração", que "não se deixou subjugar pelas sentimentalidades doentias em que o vulgar dos portugueses é

⁽⁴⁸⁾ Alexandrino Costa, *Salazar de 'Frente'*, Vila Nova de Famalicão, Gráfica Minerva, 1944, pp. 5-6.

⁽⁴⁹⁾ António Ferro, *ob. cit.*, p. 79.

⁽⁵⁰⁾ Luiz Teixeira, *Perfil de Salazar: Elementos para a história da sua vida e da sua época*, Lisboa, Empresa do Anuário Comercial, 1938, p. 104

⁽⁵¹⁾ António Ferro, *ob. cit.*, p. 132.

abundante"⁽⁵²⁾. Os seus defeitos são, então, transformados em qualidades, como a voz que "pouco varia, mas é duma grande sinceridade"⁽⁵³⁾, ou é "cantante e baixa, atravessada por inflexões de surpreendente doçura"⁽⁵⁴⁾. Ao seu físico, "esquio, macilento e de negro"⁽⁵⁵⁾, contrapõe-se à ideia de um ser "acima das paixões e dissídios"⁽⁵⁶⁾, ou mesmo, um "Messias"⁽⁵⁷⁾ que iria salvar a Nação. Um homem com "olhos penetrantes", "queixo liso e autoritário", "boca sem lábios"⁽⁵⁸⁾, mas "mais alto do que o vulgar dos portugueses, de tez morena, cabelos brancos e lustrosos, dentes que brilham como marfim"⁽⁵⁹⁾. Sem negar a feição excepcional do Chefe do Conselho, tais publicações buscam amenizar a imagem ditatorial de Salazar e, apesar de se manterem longe dos seus similares em Itália, ou mesmo do Estado Novo brasileiro, onde Mussolini e Getúlio Vargas se transformam em heróis de livros infantis⁽⁶⁰⁾, estas obras pintam o retrato de Salazar com cores suavizadas, dando aos caracteres formais da sua figura uma nova leitura.

Na sua trajectória pessoal são recolhidos os dados necessários para a composição de sua figura política e humana, desde a sua infância de menino pobre, onde é reforçada a própria afirmação de

⁽⁵²⁾ Matos Gomes, *Salazar, Professor e educador de um Povo*, Porto, Edições Além, 1953, p. 17.

⁽⁵³⁾ João Xavier do Carmo Couto, *O Homem que rehabilitou Portugal*, Lisboa, Anuário Comercial, 1940, p. 8.

⁽⁵⁴⁾ Christine Gamier, *Férias com Salazar*, 7ª edição, Lisboa, Companhia Nacional Editora, 1952, p. 14.

⁽⁵⁵⁾ "Esse Salazar esquio, macilento e de negro" (Discurso proferido na Praça Pública de Ílhavo aos 27 de Abril de 1953), in Vaz Craveiro, *Quatro Discursos Políticos*, Ílhavo, A Lusitania, 1953, p. 40.

⁽⁵⁶⁾ Vaz Craveiro, *ob. cit.*

⁽⁵⁷⁾ Vaz Craveiro, *ob. cit.*, p. 39.

⁽⁵⁸⁾ Christine Gamier, *ob. cit.*, p. 60.

⁽⁵⁹⁾ Christine Gamier, *ob. cit.*, pp. 14-15.

⁽⁶⁰⁾ Não existem em Portugal publicações deste género, mas a imagem de Salazar é tomada sempre como exemplo, em especial nas palestras e alocações públicas, pois é necessário "evocar Salazar na medida em que êle constitue uma lição para as gerações vindouras, e, dum modo especial, para os estudantes dum Liceu, isto é, para os homens de amanhã" ("Alocação escolar" proferida por Feliciano Ramos, reitor do Liceu de Guimarães na sessão comemorativa da Data Centenária de 1 de Dezembro de 1940. Feliciano Ramos, *Perfil Moral de Salazar*, Guimarães, 1941, p. 8.)

Salazar, "um pobre, filho de pobres", passando pela sua juventude no Seminário de Viseu e em Coimbra, caracterizando-o como um "rapaz com uma ideia séria"⁽⁶¹⁾, dono de uma "vontade firme"⁽⁶²⁾, "querer decidido"⁽⁶³⁾, "lealíssimo e dedicado"⁽⁶⁴⁾, capaz, porém, de numa rusga defender-se "até a paulada, com a sua costumada serenidade e valentia"⁽⁶⁵⁾. Da sua vida privada nos anos em que está no poder, muito pouco é tratado até ao aparecimento de publicações como a de Christine Gamier ou Frederic Marjay. Artur Távora chega a afirmar: "Actualmente Salazar continua a ir, muito de longe em longe ao cinema e, às vezes, a frequentar o bom teatro, contudo não o faz com assiduidade, por ser caro, não ter dinheiro bastante, e pelos seus imensos afazeres"⁽⁶⁶⁾, entretanto outros autores afirmam que o tempo de vida privada do Presidente do Conselho está "ao nosso serviço"⁽⁶⁷⁾. Na verdade, se Salazar é humanizado, o seu quotidiano particular, para além da infância, juventude e da convivência com os pais⁽⁶⁸⁾, não parece merecer especial relevo até à década de cinquenta quando *Férias com Salazar*, de 1952, ou *Salazar na Intimidade*, de 1954, reflectem a preocupação com um Salazar mais familiar, dotado das sensações normais do homem comum, como a atracção pelo feminino que se reafirma na obra de Frederic Marjay e nas insinuações sugeridas por Christine Gamier⁽⁶⁹⁾. Ao mito do celibatário espontâneo sobre-põe-se a ideia de um celibato forçado, pois para Salazar a "com-

⁽⁶¹⁾ Esta afirmação de Salazar em "A minha resposta", é utilizada como título de uma biografia, *Um rapaz com uma ideia séria*, de António Cruz editada em 1953.

⁽⁶²⁾ António Cruz, *ob. cit.*, p. 14.

⁽⁶³⁾ António Cruz, *ob. cit.*

⁽⁶⁴⁾ Luiz Teixeira, *ob. cit.*, p. 17.

⁽⁶⁵⁾ Menção à participação de Salazar no comício em defesa da Igreja de Almedina em Coimbra por Artur Távora, *Salazar na Intimidade*, Braga, Oficina Gráfica da "Pax", 1936, p. 32.

⁽⁶⁶⁾ Artur Távora, *ob. cit.*, p. 34.

⁽⁶⁷⁾ Matos Gomes, *ob. cit.*, p. 30.

⁽⁶⁸⁾ "Salazar, para com a família, é duma ternura, carinho e afeição modelar". Artur Távora, *Salazar na Intimidade, ob. cit.*, pp. 36-37.

⁽⁶⁹⁾ "[•••] possui a reputação de um misógino e, no entanto, juntam-se à sua volta os mais lindos rostos quando, excepcionalmente, preside uma festa", Christine Gamier, *ob. cit.*, p. 49.

panhia das senhoras não lhe é importuna"⁽⁷⁰⁾, e a família, composta pelas irmãs, pela sua governanta Maria, por Maria Antonia e Micas, são o reconforto das tarefas governamentais⁽⁷¹⁾.

Na obra de Gamier, no entanto, são acentuados os traços do homem e da sua vocação familiar, contestando alguns dos mitos criados em tomo do Chefe do Conselho, reelaborando pois o próprio mito. A história do amor impossível de Salazar por urna rapariga rica na juventude⁽⁷²⁾ é retomada de forma romanesca para acentuar a solidão de Salazar⁽⁷³⁾. A imagem do homem sério é suavizada pela de um homem que "tem muitas vezes reflexões divertidas"⁽⁷⁴⁾, à do homem sovina é contraposta a afirmação de um hospedeiro capaz de impressionar pelo "sumptuoso requinte da mesa"⁽⁷⁵⁾, ao Presidente que "nunca fez esforços para agradar à multidão", defendendo-se "da sua própria sensibilidade"⁽⁷⁶⁾, responde-se com a imagem do Salazar que "consola uma criança que chora, conversa com os camponeses de fato desbotado"⁽⁷⁷⁾.

Há, enfim, nestas obras, um consenso quanto à personalidade humana de Oliveira Salazar, a quem "ninguém pode resistir ao en-

⁽⁷⁰⁾ Frederic Marjay, *Salazar na Intimidade*, Lisboa, Ed. Dr. Marjay, 27 de Abril de 1954, p. 13.

⁽⁷¹⁾ "À noite, depois do meu pesado dia de trabalho passeio com elas no meu jardim de Lisboa e tenho a impressão de me encontrar, como os outros, em família". Declarações de Salazar a Christine Gamier, *ob. cit.*, p. 25.

⁽⁷²⁾ Tal história é relatada por vários autores como Armando d'Aguiar, Artur Távora, Ápio Garcia entre outros. O facto, no entanto, tem confirmações na obra de Franco Nogueira que narra as desventuras amorosas de Salazar por Júlia Perestrelo, filha de sua madrinha Maria Perestrelo que se opunha a possibilidade de uma união entre os dois jovens. Ver: Franco Nogueira, *Salazar: A Mocidade e os Princípios (1889-1928)*, vol. I, Coimbra, Atlântica Editora, 1977.

⁽⁷³⁾ Christine Gamier chega a firmar: "penso na adolescente que ele amou, no tempo em que estudava Direito. Terá realmente existido? A sua imagem orna-se, porém, de uma graça melancólica que tocará corações". Christine Gamier, *ob. cit.*, p. 56.

⁽⁷⁴⁾ Christine Gamier, *ob. cit.*, p. 91.

⁽⁷⁵⁾ "Mais uma lenda, a da frugalidade monástica que Salazar imporia aos seus convidados. Aqueles que a espalham não conhecem, estou certa disso, a senhora Maria!". Christine Gamier, *ob. cit.*, p. 114.

⁽⁷⁶⁾ Christine Gamier, *ob. cit.*, p. 80.

⁽⁷⁷⁾ Christine Gamier, *ob. cit.*, p. 154.

canto da sua personalidade"⁽⁷⁸⁾, a quem "é impossível escapar ao encanto" ⁽⁷⁹⁾.

2.3. *Do Salazar messiânico*

Salazar fica por um instante imóvel sobre os degraus de pedra. A humidade sobe do fundo do parque e o seu perfil destaca-se, nítido, sobre os vapores diáfanos. Lembra assim o rei D. Sebastião, o Desejado... ⁽⁸⁰⁾

A ideia do "Messias", já apresentada no discurso de Craveiro Vaz, já citado, é uma constante nas obras que versam sobre Salazar e sua acção como Chefe do Conselho, mas, em algumas publicações sua proporção atinge o inesperado e o fantástico ao mesclar o sebastianismo à actuação do Ditador. Se a própria Christine Gamier nos fala da semelhança da postura de Salazar com D. Sebastião e no seu "dom divinatório, espécie de sexto sentido"⁽⁸¹⁾, obras como a de Artur Távora já falam no "nosso salvador"⁽⁸²⁾, e apologias como a de Santos Cravina chegam a afirmar para Salazar o papel de "Terceiro Restaurador" (depois do Mestre de Avis e D. João IV), que juntamente com o Cardeal Cerejeira, encarnando o papel de "Místico Apóstolo", e Carmona como o "Pátrio Alguém", conduziria Portugal ao triunfo sob o patrocínio de Jesus, da Virgem Maria, S. José, e, como não poderia deixar de ser, N. Sra. de Fátima⁽⁸³⁾.

Assimilando ao combate anti-comunista a feição católica conservadora do Chefe do Conselho, tais publicações reafirmam o carácter

⁽⁷⁸⁾ João Xavier do Carmo Couto, *O Homem que reabilitou Portugal*, Lisboa, Anuário Comercial, 1940, p. 8.

⁽⁷⁹⁾ Christine Gamier, *ob. cit.*, p. 30.

⁽⁸⁰⁾ Christine Gamier, *ob. cit.*, p. 74.

⁽⁸¹⁾ Christine Gamier, *ob. cit.*, p. 131.

⁽⁸²⁾ Artur Távora, *Salazar na Intimidade*, Braga, Oficina Gráfica da "Tax", 1936, p. 31.

⁽⁸³⁾ Eis em Fátima a Nação
Fidelíssima a cantar

—Em poesia de oração—

um poema a Salazar. (Santos Cravina, *Epopeia de Salazar*, 3ª ed., Porto, Tip. Fonseca, 1948, p. 63)

nacionalista e cristão da ideologia vigente. Zuzarte de Mendonça Filho em *Avé, Salazar* afirma ser a Revolução Nacional "a moderna Aljubarrota" e Salazar, juntamente com Nun'Alvares "dois grandes predestinados da Raça"⁽⁸⁴⁾. Em *Direita, volver!*, de Oliveira Mouta, o nacionalismo assume uma feição anti-republicana, anti-comunista e anti-semítica, ao acusar a oposição de "judaísmo plebeu e ignorante"⁽⁸⁵⁾, de um republicanismo de "*saber-ler-e-escrever*"⁽⁸⁶⁾, em suma, "de propaganda vermelha"⁽⁸⁷⁾. Já na *Saudação à bandeira Portuguesa e a Salazar* temos, novamente, a caracterização religiosa:

No Céu é nosso Jesus
Que todo o bem produz
Em Portugal é Salazar
Que nos veio trazer a luz,
As honras não o seduz
E a Nação veio salvar⁽⁸⁸⁾

A mesma temática é repetida no *Prólogo ao Poema nacionalista Salazar*, de Joaquim Moraes Rogado:

Esse espírito audaz, soberbo de visão
— O Pai espiritual da rútila Nação!—
— A Pátria que Camões cantou divinamente! —
E a síntese viva, o espelho resplandecente,
Dos que na glória eterna estão a repousar!
Mil graças, meu Senhor: Salazar, Salazar!...
Salazar, a quem vós outorgastes a graça
Suprema, de inculcar no ânimo da raça
As virtudes de outrora, o seu valor e sua crença ⁽⁸⁹⁾.

⁽⁸⁴⁾ Zuzarte de Mendonça Filho, *Ave, Salazar!, poema nacionalista, em réplica do Finis Patriae*, Coimbra, Coimbra Ed., 1937, p. 28.

⁽⁸⁵⁾ Oliveira Mouta, *Direita, volver!*, Lisboa, Oficinas da Empresa do Anuário Comercial, 1939, p. 20.

⁽⁸⁶⁾ *Idem*, (em itálico no original).

⁽⁸⁷⁾ *Idem*, p. 41.

⁽⁸⁸⁾ José Alves Amorim, *Saudação à Bandeira Portuguesa e a Salazar*, Angra do Heroísmo, Tipografia Andrade, 1954, p. 2.

⁽⁸⁹⁾ Joaquim Moraes Rogado, *Prólogo do Poema nacionalista "Salazar"*, Lisboa, Tip. Henrique Torres, 1944, p. 8.

Como pano de fundo desta imagem temos a polémica surgida em torno do artigo do *Notícias Ilustrado* de 24 de Dezembro de 1932 que afirma a semelhança entre um dos rostos do painel de Nuno Gonçalves e o do Presidente do Conselho, tomando o facto como uma afirmação do retorno da raça às suas virtudes originais, e encarado por muitos como uma espécie de aviso místico, a devoção de D. António, Bispo de Coimbra, que mandou confeccionar um pequeno "santinho" com o retrato de Salazar em agradecimento à Santa Isabel por ter salvo o Ministro das Finanças do atentado que sofreu em 1937 e, que, oferecia a quem recitasse a oração 50 dias de indulgência⁽⁹⁰⁾. Ou ainda, um antigo postal, onde a cabeça de Salazar aparece no corpo de D. Afonso Henriques com a legenda: "Salazar, Salvador da Pátria" e "Ditosa Pátria que tais filhos tem"⁽⁹¹⁾.

2.4. *Salazar, visto pelos estrangeiros*

Entre os biógrafos e aqueles que escrevem sobre Salazar, o homem de Estado e figura humana, muitos são aqueles que não possuem cidadania portuguesa, como a própria Gamier já citada. Franceses, em especial, ingleses, ou mesmo brasileiros⁽⁹²⁾, aventuraram-se na tarefa de tecer louvores ou críticas ao ditador e ao Estado Novo. Dentre as inúmeras obras do género seleccionamos, visto ter o Salazar imaginário como objectivo da nossa análise, algumas destas obras.

⁽⁹⁰⁾ No postal, com a foto de Salazar com a borla e o capelo, podemos ver a seguinte inscrição: "Doutor António de Oliveira Salazar. Salvador da Nação Portuguesa", e as "preces": "v. Haja paz, ó Deus, pelo vosso poder, r: E abundância nas nossas casas, v: Pelos merecimentos e preces da Rainha-Santa Isael. r: Sêde propício, Senhor, ao vosso povo. v: Oremos pelo nosso Chefe Salazar, r: O Senhor o conserve, e lhe conceda longa vida, e lhe dê a felicidade sôbre a terra, e não o abandone jamais às ciladas dos seus inimigos. P. N. — A. M. — Gl. P.", Postal datado de 23 de Julho de 1937. Arquivo particular.

⁽⁹¹⁾ Postal dos anos 30-40, capa do livro de Luís Reis Torgal, *História e Ideologia*, Coimbra, Minerva, 1989.

⁽⁹²⁾ Entre outros, e excluindo aqui os imigrantes, temos um jornalista, ligado ao periódico *A Voz de Portugal*, órgão da colónia portuguesa no Rio de Janeiro, que publica em 1939 um ensaio intitulado *Salazar e o Salazarismo*, Rio de Janeiro, Editora Schmidt, 1939.

Os Ditadores, de Jacques Bainville, é uma tradução portuguesa de uma obra homónima editada em França e trata, no âmbito do geral, das diversas formas de ditadura, considerando como "a melhor ou a pior das formas de governo"⁽⁹³⁾. Salazar aparece aqui ao lado de outros ditadores do período como Mustapha Kemal, Mussolini, Primo de Rivera e Hitler, sendo o Estado Novo classificado como "a ditadura mais honesta, mais prudente e mais comedida da Europa e ao mesmo tempo uma das mais firmes e perseverantes nas suas aplicações"⁽⁹⁴⁾.

Em *Salazar* de Charles Chesnelong temos numa parte dedicada ao *Salazar Intime* o enfoque da figura "*plus humain*" do Presidente do Conselho, dono de "*une sensibilité presque féminine, qui, ne s'épanchant que dans l'intimité*"⁽⁹⁵⁾, diferente da figura fechada do homem de Estado.

Nas obras de Jacques Ploncard d'Assac⁽⁹⁶⁾, o principal divulgador do ideário salazarista em França, o destaque recai sobre a actuação de Salazar no governo, mas, a imagem do ditador é salva-guardada pela "limpidez do seu riso", "a extrema suavidade das suas palavras, assim como do gesto, das atitudes"⁽⁹⁷⁾. O mesmo ocorre com a obra de Henri Massis⁽⁹⁸⁾ que, apesar de nunca haver escrito uma obra sobre Salazar, considera-o como um dos seus "benfeitores" pela sua acção anticomunista, defensor do "património de toda a civilização" (").

Entre os ingleses, podemos ver os dois lados da moeda, o elogio e a crítica ao Estado Novo. De um lado, destacamos o relato

⁽⁹³⁾ Jacques Bainville, *Os Ditadores*. Tradução de Vasco Rodrigues, Porto, Livraria Civilização, 1937.

H *Idem*, p. 274.

⁽⁹⁵⁾ Charles Chesnelong, *Salazar*, Paris, Editions Baudiniere, 1939, p. 205.

⁽⁹⁶⁾ Trabalhamos com duas delas: *Dictionnaire Politique de Salazar*, Lisboa, S.N.I., 1964, e *O pensamento de Salazar*, Lisboa, Companhia Nacional, Editora, 1952.

⁽⁹⁷⁾ J. P. d'Assac, *O pensamento de Salazar*, Lisboa, Companhia Nacional Editora, 1952, pp. 9-10.

⁽⁹⁸⁾ Ver Jacques Ploncard d'Assac (org.), *Henri Massis*, Lisboa, Edições Panorama/SNI, 1959, "Coleção Defesa do Ocidente", n.º 5, 1959.

(") Carta de Henri Massis a Jacques Ploncard d'Assac datada de 25 de Maio de 1959, publicada na colectânea de textos de sua autoria, *Henri Massis* editada pela Edições Panorama/SNI na "Coleção Defesa do Ocidente", n.º 5, 1959.

do escritor John Gibbons, vencedor do Prémio Camões do Secretariado de Propaganda Nacional em 1939, que acentua os traços de Salazar como Homem de Estado, e coloca em relevo sua feição de "praticante convicto" da religião católica⁽¹⁰⁰⁾. Do outro, o trabalho de Ralph Fox, *Portugal Nozv*, que não possui tradução em português, que atribui a Salazar o fim da democracia em Portugal, assim como o responsabiliza pela intervenção na Guerra Civil em Espanha⁽¹⁰¹⁾.

3. O Retrato do Chefe

A imagem retratada de Salazar mais em voga no início dos anos trinta é aquela na qual o vemos de perfil, vestido de fato escuro, registado num *close* onde são acentuadas as linhas angulosas do rosto e o seu aspecto sério e um certo ar de apreensão. Esta foto é amplamente difundida e o perfil de Salazar reproduzido na capas de diversas obras biográficas ou laudatorias do regime, como a de António Cabrita, *Esta é a verdade sobre Salazar*. A foto oficial do regime neste mesmo período pouco difere desta versão, aparecendo Salazar com o já habitual fato escuro, com a expressão séria e fechada, o que contribuiria em muito para a imagem de homem "frio", tão questionada e negada nas biografias que lhe são favoráveis. Nos *Anais da Revolução Nacional*, contudo, as fotos que marcam o início da carreira do Presidente do Conselho alternam uma imagem mais austera com cenas de maior descontração. No primeiro volume, predominam as fotos em conjunto, como a da sua chegada a Lisboa para tomar pela primeira

(100) John Gibbons na obra premiada *I gathered no moss* afirma: "os jornais católicos, ainda há pouco, apresentavam-no como o leigo Católico mais importante da actualidade". John Gibbons, *Não Criei Musgo. Retrato de uma aldeia transmontana*. Tradução patrocinada pela Câmara Municipal de Carraceda de Ansiães, 1984, p. 70.

(i*i*) least the government of dr. Oliveira Salazar will find its place in history on two accounts; first, that it destroyed the Portugal Republic and Portuguese democracy; second, that it permitted one of the greatest crimes in modern history to be organized from its territory, a forcible attempt by a group of generals and two foreign powers to impose on Spain a form of government decisively rejected by her people". Ralph Fox, *Portugal Now*, London, Lawrence and Wishart, 1937, p. 78.

vez posse na Pasta das Finanças, com o rosto fechado, característico das primeiras posses. No segundo volume, já empossado no cargo de Ministro das Finanças, as fotos são as dos cerimoniais, onde vemos um Salazar sorridente para os membros da oficialidade ou outras personalidades do Estado. No quarto volume, as fotografias do Presidente do Conselho são ainda formais, embora as atitudes fotografadas sejam mais "espontâneas", como as fotos do registo das comemorações do 28 de Maio em 1940, uma amostra da evolução da sua própria imagem pública. Um contraste é, porém, notório, em todas as fotografias entre as figuras de Salazar, formal e pouco dado a reacções emocionais, e de Carmona, encarnação do "líder popular" por excelência⁽¹⁰²⁾.

Após a década de quarenta, acompanhando a humanização do Presidente do Conselho, a imagem do homem de Estado sério e preocupado é atenuada em detrimento da figura de um Salazar mais sociável, ainda que permanentemente seguro. Desta forma, as fotos de António Rosa Cavaco para o livro de Christine Gamier apresentam o Dr. Oliveira Salazar como o homem grisalho, ciente do seu poder, mas com uma feição mais intimista, mais familiar. As fotos com Maria Antonia, com a própria Christine Gamier ou com os seus operários no Vimieiro dão vida à imagem de um Salazar mais aberto, mais humano, menos rígido, que se afasta da figura do ditador de negro dos primeiros anos. Tal tendência mantém-se na obra de Frederic Marjay, novamente com a fotografia de António Rosa Cavaco. Além de algumas fotos já publicadas no livro de Gamier, aparecem outras como a de Salazar a espreitar um casal de namorados no Castelo de São Jorge⁽¹⁰³⁾, abraçado com a afilhada Micas no jardim⁽¹⁰⁴⁾, de fato branco com um ramo na lapela⁽¹⁰⁵⁾.

⁽¹⁰²⁾ No volume IV dos *Anais da Revolução Nacional* temos o registo de uma foto peculiar: na cerimónia do XIIIº aniversário do 28 de Maio, Salazar sorridente olha ao seu lado Carmona, que com um cigarro aceso na boca, aplaude displicentemente o desfile da Mocidade Portuguesa. *Anais da Revolução Nacional* vol. IV, Barcelos, Companhia Editorial do Minho, s.d., p. 272.

⁽¹⁰³⁾ Na legenda, a respeito dos dois jovens: "Ele, está envergonhado. Ela, sorri, confiante, alegre. O seu dia foi de dupla felicidade porque viu Salazar". Frederic Marjay, *Salazar na Intimidade*, Lisboa, Ed. Dr. Marjay, 27 de Abril de 1954, Foto n.º 15.

⁽¹⁰⁴⁾ Frederic Marjay, *ob. cit.*, Foto n.º 3.

⁽¹⁰⁵⁾ Frederic Marjay, *ob. cit.*, Fotos n.º 20 e 39.

No cinema a figura de Salazar é uma constante nos documentários do regime. Na série "Jornal Português", iniciada em 1938 e realizada pela Sociedade Portuguesa de Actualidades Cinematográficas, Salazar possui, pelo menos, um número especial, o "Jornal Português" n.º 52, de Maio de 1945, dedicado à "Manifestação a Salazar pela paz portuguesa". Durante este período e até ao aparecimento de uma outra série, "Imagens de Portugal", na década de cinquenta, a imagem do Presidente do Conselho é focada, na maioria dos casos, nos momentos mais solenes ou de afirmação do regime, sempre acompanhada por outras imagens, sem possuir documentários exclusivos de feitiço personalizado. Desta forma, temos sua "presença" assinalada por títulos como "Salazar dá a palavra de ordem à Legião Portuguesa para o Ano XIV"⁽¹⁰⁶⁾, "As sociedades de recreio e os clubes desportivos"⁽¹⁰⁷⁾, ou ainda, "Comemorando o sétimo aniversário de Salazar na Presidencia do Conselho"⁽¹⁰⁸⁾. Em 1953, porém, no ano em que se comemora o "Jubileu de Salazar", uma curta-metragem com o mesmo nome regista as solenidades realizadas. Nele, Salazar aparece "com o fato de todos os dias"⁽¹⁰⁹⁾, acompanhado por Craveiro Lopes, para receber as homenagens de "todos os lugares do mundo onde existem portugueses"⁽¹¹⁰⁾, e "contra a sua vontade" aceita as honras prestadas, participando como "católico exemplar" na missa em acção de graças mandada rezar pelas mulheres portuguesas, que assinala o fim do documentário. Um outro documentário, de 1958, também possui uma linguagem personalista mais acentuada. "30 Anos com Salazar", reúne enxertos de outros documentários filmados para o "Jornal Português", para "Imagens de Portugal" e alguns filmes realizados sob a direcção de António Lopes Ribeiro como *A Revolução de Maio*. Nesta película Salazar é apontado como o símbolo do próprio regime. A sua imagem é focada em datas marcantes do Estado Novo, tais como as comemorações dos dez anos do 28 de Maio em Braga ou a inauguração da Exposição do Mundo Português. O enfoque recai sobre a manutenção da paz durante a Segunda Grande Guerra, nas realizações do regime e nas homenagens prestadas pelo povo

(106) "Jornal Português", n.º 9, Junho de 1939.

(107) "Jornal Português", n.º 26, Maio de 1941.

(108) "Jornal Português", n.º 10, Julho de 1939

(109) "Imagens de Portugal", n.º 5, 6 de Maio de 1953.

(110) "Imagens de Portugal", n.º 5, 6 de Maio de 1953.

português "ao homem que o salvou"^(m), sendo reafirmada a ideia do Presidente do Conselho como o eterno professor de Coimbra (através das cenas do seu doutoramento *honoris causa* pela Universidade de Oxford na Sala do Senado⁽¹¹²⁾, e das que o mostram com os seus antigos colegas de Direito vestindo a borla e o capelo⁽¹¹³⁾), e do indivíduo alheio às honras e ao poder pois é assinalada pelo locutor, Moreira da Câmara, "a resistência de Salazar a qualquer manifestação de carácter pessoal"⁽¹¹⁴⁾.

Nas longas metragens podemos ver Salazar em *A Revolução de Maio*, de António Lopes Ribeiro, patrocinado pelo Secretariado de Propaganda Nacional, pela Agência Geral das Colónias, Direcção Geral dos Serviços Agrícolas e Commissariado do Desemprego. O argumento do filme é assinado por Jorge Afonso e Baltasar Fernandes, pseudónimos usados por António Ferro e António Lopes Ribeiro, director do SPN, sendo o relato da "conversão" de um "profissional da desordem" ante a constatação das melhorias sociais introduzidas pelo Estado Novo. A película estreia no Cinema Tivoli a 6 de Junho de 1937, sendo posteriormente apresentada na Exposição de Paris. A "participação" de Salazar é feita através da montagem de partes de um documentário sobre as comemorações do 28 de Maio. O Presidente do Conselho aparece em cena discursando para uma multidão de entusiastas do regime. Em outras obras, não oficiais, o Presidente do Conselho é mencionado de forma indirecta, como acontece em *O Pátio das Cantigas*, de Francisco Ribeiro, quando se estabelece uma guerra aberta no pátio lisboeta, as crianças são postas a salvo no cimo de uma carrinha onde podia ler-se o nome Salazar.

Nas artes plásticas a figura de Salazar é retratada por diversos artistas. Quatro nomes merecem relevo especial: Francisco Franco, Manuel Lapa, Eduardo Malta e Almada Negreiros. O primeiro é o autor, entre outras, da estátua de Salazar, com a borla e o capelo, que

(m) "Imagens de Portugal", "30 Anos com Salazar", 19 de Junho de 1957.

(112) Cenas datadas de 1941, "Imagens de Portugal", "30 Anos com Salazar", 19 de Junho de 1957.

(113) Cenas datadas de 1948, "Imagens de Portugal", "30 Anos com Salazar", 19 de Junho de 1957.

(114) "Imagens de Portugal", "30 Anos com Salazar", 19 de Junho de 1957.

esteve na entrada do pavilhão português na Exposição de Paris de 1937 e, posteriormente, foi reproduzida e colocada no jardim interno do Palácio Foz, sede do Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo. De Eduardo Malta, um famoso retrato, hoje no Museu do Caramulo, onde podemos ver um Salazar jovem, de fato negro, tendo ao fundo uma vista serrana⁽¹¹⁵⁾. De Manuel Lapa é o perfil de Salazar, em desenho, que serve de separação aos assuntos nos volumes dos *Anais da Revolução Nacional*. Esta ideia do perfil, porém, é uma constante em diversas obras, anteriores à década de cinquenta, como *Portugal de Salazar*, de Costa Júnior, onde aparece, através da reprodução de uma gravura em madeira feita por José Vieira da Costa; em *Salazar e a Mística Nacionalista* num perfil assinado F.F. (Francisco Franco?); *Direita, volver!*, de Oliveira Mouta, em desenho feito por um artista húngaro de nome Atila Mendly de Vetyemy, e na publicação de Ápio Garcia, *Surgiu...Salazar!*, sobre um fundo negro, de autoria desconhecida. Fugindo à regra, temos a versão de um Salazar magro, curvado, retratado de forma caricatural por Almada Negreiros para um opúsculo de Rolão Preto, datado de 1934⁽¹¹⁶⁾. E a figura de um Salazar mais triste do que sério, desajeitado, com as mãos desproporcionais em relação ao corpo, uma imagem bem mais distante da figura oficial do ditador do Estado Novo, que, coincidentemente ou não, ilustra um opúsculo onde a eficácia dos postulados do novo regime é questionada.

4. Salazar no imaginário do seu tempo: a necessidade de uma análise mais profunda

O mito criado em torno de Salazar, numa primeira análise, ultrapassa os limites da propaganda oficial do regime. A existência de obras oficiais não consegue alcançar, nem de longe, o número de publicações avulsas ou oficiosas que versam sobre o Presidente do Conselho ou evocam, utilizando-o como *leitmotiv*, as realizações do regime. As publicações ocorrem por todo o território, dos Açores, ao Minho ou ao Alentejo, e os seus autores, nomes desconhecidos, jorna-

⁽¹¹⁵⁾ Uma cópia deste quadro foi doada ao Real Gabinete Português do Rio de Janeiro, no Brasil, estando, no momento, exposta na Sala de Reuniões do referido edifício.

⁽¹¹⁶⁾ Rolão Preto, *Salazar e sua época*, Lisboa, Imp. Moderna, 1933.

listas, políticos, filiados nas instituições do Estado Novo, compõem uma plêiade de apoiantes, directos ou indirectos, e divulgadores do salazarismo. É de assinalar a predominância dos opúsculos e folhetos em detrimento das obras de grande fôlego e a variação discursiva entre eles que vai da exaltação do regime, mais comuns nos anos trinta e quarenta, à ode personalista nos anos cinquenta. Após a sua morte, os seus admiradores e alguns dos elementos mais directamente vinculados ao regime darão continuidade a exaltação do mito Salazar⁽¹¹⁷⁾. Entre eles, cumpre assinalar o trabalho de Franco Nogueira, importante fonte para os estudiosos do regime, que reelabora a imagem do líder, procurando suavizar os traços do ditador, humanizando a visão do Chefe Predestinado⁽¹¹⁸⁾.

A própria imagem de Salazar, que com o envelhecimento do regime fica cada vez mais próxima de um ideal paternalista de governante, vai sendo gradativamente mais cuidada no decorrer dos anos. As fotos formais, comuns nas primeiras menções ao Presidente do Conselho, são, aos poucos, substituídas por outras, mais "informais" a medida que mostram cenas mais familiares de Salazar. As imagens registadas então revelam uma maior preocupação com a figura do ditador que, apesar das afirmações da propaganda oficial em contrário, se mostra colaborante ao pousar pacientemente para várias fotos, como podemos atestar pelos trabalhos realizados por António Rosa Cavaco.

Salazar é o homem simples, de gostos comuns, sem preocupações materiais, pois do negro austero dos primeiros fatos àqueles mais claros e de linhos usados para receber Christine Gamier no Vimieiro, temos uma roupa modesta que, acrescentando-lhe o detalhe das botas usadas nas ocasiões menos formais, se aproxima do vulgar e do quotidiano da maioria das pessoas para quem Salazar, na propaganda oficial, deve servir de exemplo de vida. Numa época em que a

⁽¹¹⁷⁾ Entre as publicações mais recentes podemos assinalar *Salazar visto pelos seus próximos (1946-68)*, Venda Nova, Bertrand Editora, 1993, organizada por Jaime Nogueira Pinto e que reúne depoimentos de diversas personalidades ligadas ao salazarismo sobre Oliveira Salazar.

⁽¹¹⁸⁾ Diversas são as passagens da obra de Franco Nogueira que procuram "desmontar" a imagem de um ditador frio, distante das fraquezas humanas. É de assinalar, neste contexto, as menções constantes do autor aos mais diversos relacionamentos amorosos de Salazar, contraponto a consagrada visão de castidade ou misogênia a de um perfeito "macho" latino.

fotografia, o rádio e o cinema leva a imagem do chefe de Estado a uma grande parcela da população, o uso dos colarinhos altos, de chapéus luxuosos ou casacas caras, não se coadunaria com a imagem de um país pobre, a quem se pede sacrifícios materiais ao povo em nome da Nação. Salazar é o exemplo daquele que se sacrifica em prol de Portugal, não só pelo seu estilo de vida, de um homem católico de hábitos simples, mas, devido ao próprio exercício de sua função, já que, a sua vocação nata é a cátedra. De facto, o que não muda na sua imagem oficial é sua visão como lente, o eterno Professor de Coimbra, ideia persistente até aos documentários nos anos cinquenta. Estes são os símbolos de um mito que extrapolou o seu próprio tempo, que criou um anti-mito, na figura do ditador, do homem insensível e calculista, e que, por fim, ainda precisa de análises mais profundas.

Biografias e Obras sobre António Oliveira Salazar

(1930/1960)

1930

Leopoldo Nunes. *O Ditador das Finanças.*

1931

1932

1933

António Ferro. *Salazar e a sua obra*

Rolão Preto. *Salazar e a sua época.*

1934

Armando d'Aguiar. *Oliveira Salazar— o homem e o ditador.*

Henrique Cabrita. *Esta é a verdade sobre Salazar.*

Joaquim C. Morais Rogado. *Salazar, poema nacionalista.*

José Jobim. *A verdade sobre Salazar.*

Marcello Caetano. *A obra financeira de Salazar.*

Maurice Lewandowski. M. *Oliveira Salazar (maitre de Yheure au Portugal). Une experience de redressement.*

1935

- A. F. Carneiro Pacheco. *O Retrato do Chefe*.
Leon de Poncins. *Le Portugal renait*.
Renato Toledo Lopes. *Salazar*.

1936

- Abel Ferraz de Souza. *Quem é Salazar?*
Abílio de Carvalho. *A Salazar, mestre na ley, chefe na grey*.
Antonio Guimarães. *Salazar, o homem do momento*.
Artur Mendes de Almeida Távora. *Salazar na intimidade*.
Gonzague Reynold. *Portugal*.

1937

- Américo de Faria. *Salazar: Revolução Nacional (1926/1937)*.
B. P...*Salazar e a mística nacionalista*.
Constantino Meneses Cardoso. *O pensamento do corporativista medieval e a política social de Salazar*.
Friederich Sieburg. *Neus Portugal*.
Idalino da Costa Brochado. *Salazar e "A Verdade"*.
Jacques Bainville. *Os ditadores*.
José Gonçalves de Andrade. *O Dr. Oliveira Salazar; o seu tempo e a sua obra*.
José Licínio Rendeiro. *Três homens da história contemporânea (Kemal, Pilsudski, Salazar)*.
Ralph Fox. *Portugal now*.
Thomas Wylie Fernandes. *L'oeuvre du professeem Salazar*.
Zuzarte Mendonça Filho. *Ave, Salazar*.

1938

- Arthur Ribeiro Lopes. *Politics a portuguese*.
Álvaro A. Reis Gomes. *A lição de Salazar*.
Costa Júnior. *Portugal de Salazar*.
Emile Schreiber. *Le Portugal de Salazar*.
João Pinto da Costa Leite. *Salazar; Professor e Homem de Estado*.
Jorge Noberto. *A Revolução de 28 de Maio e a obra de Salazar*.
Luis Teixeira. *Perfil de Salazar*.
Michael Derrick. *The Portugal of Salazar*.
Santos Cravina. *Epopeia de Salazar*.
Vitor d'Almeida. *Salazar*.

1939

António Pousada. *De Viriato a Salazar*.

Charles Chesnelong. *Salazar*.

Guilherme de Oliveira Mouta. *Direita, volver!*

João Marinho. *Salazar*.

Osvaldo Paixão. *Salazar e Salazarismo*.

1940

João Xavier do Carmo Couto. *O Homem que reabilitou Portugal*.

Fernando C. Pires de Lima. *Salazar no vértice de oito séculos de História*.

1941

Feliciano Ramos. *Perfil Moral de Salazar*.

Alexandrino Costa. *Como eu os vi. Esboços das figuras nacionais de Salazar, ilustre Presidente do Conselho, e do eminente Cardial Cerejeira*.

1942

Alexandrino Costa. *Como eu os vi, figuras do passado e do presente*.

Humberto de Medeiros. *Salazar and the dignity of man*.

Manoel Lubambo. *O humanismo financeiro de Salazar*.

1943

F. C. C. Egerton. *Salazar, rebuildler of Portugal*.

Vitalino Miranda. *Portugal dedicado a Antonio Oliveira Salazar*.

1944

A. Costa. *Salazar "Defrente"*.

Alexandrino Costa. *Salazar de frente*.

Normand de Sá. *Salazar perante o mundo*.

1945

1946

1947

1948

Apio Garcia. *Surgiu...Salazar*.

Eduardo Miranda. *Salazar, o homem que não errou*.

Luís Cabral de Moneada. *Um grande português e um grande europeu*.

Manuel Lopes de Almeida. *A lição moral e política de Salazar.*

1949

Antonio Pinheiro Torres. *Projeção de Salazar no estrangeiro.*

Enzo Silveira. *Antonio de Oliveira Salazar — o Condestável da Republica.*

José Caeiro da Mata. *Projeção de Salazar no estrangeiro.*

1950

1951

Adriano Nascimento. *Homenagem ao Dr. Oliveira Salazar.*

1952

Christine Gamier. *Vacances avec Salazar.*

Henri Baron. *Portugal sob o governo de Salazar.*

Jacques Ploncard d'Assac. *O Salazarismo. O pensamento de Salazar.*

1953

Antonio A. F. Cruz. *Um rapaz com uma ideia séria.*

Conde de Aurora. *O Porto a Salazar.*

Edições Uñarte. *Salazar. 25 anos ao serviço da Patria. 1928-1953.*

Empresa Nacional de Publicidade. *Salazar, uma vida a serviço da nação.*

J. Silva Saraiva. *O pensamento político de Salazar.*

Jerónimo Ribeiro. *Salazar e a economia nacional.*

Manuel Maria Vaz. *Vinte e cinco anos de governo.*

Matos Gomes. *Salazar, professor e educador dum povo.*

Mota de Vasconcelos. *Bodas Ministeriais de Salazar.*

Vaz Craveiro. *Quatro discursos políticos. Esse Salazar esquivo, macilento e de Negro.*

1954

Armando Ávila. *Salazar perante o mundo.*

Editorial Vanguarda. *Antologia. Salazar.*

Frederic Marjay. *Salazar na intimidade.*

José Alves Amorim. *Saudação à bandeira portuguesa e a Salazar.*

1955

José de Ayala Botto. *Salazar e o desporto.*

1956

Normand de Sá. *Salazar et son oeuvre.*

1957

José S. F. Barbosa. *Salazar e o ultramar português.*

Hans Sokol. *Salazar und sein neues Portugal.*

1958

Louis Megevand. *Le vrai Salazar.*

Thelma Rocha. *Eu falei com Salazar.*

1959

António Gonçalves. *O espírito de Salazar.*

Edição promovida por um grupo de estudantes liceais. *Salazar. 50 anos de vida pública.*

1960

Eduardo de Souza Pereira. *Lisboa e Salazar (1928-1960)*

Garcez, (Org.). *Salazar e a Juventude.*



A imagem retratada de Salazar mais em voga no início dos anos trinta é aquela na qual o vemos de perfil, vestido de fato escuro, registado num *dose* onde são acentuadas as linhas angulosas do rosto e o seu aspecto sério e um certo ar de apreensão. Capa da obra de António Cabrita. *Esta é a verdade sobre Salazar*.



Quadro de Eduardo Malta, hoje no Museu do Caramulo, onde podemos ver um Salazar jovem, de fato negro, tendo ao fundo uma vista serrana.



Existe um contraste notório entre as figuras de Salazar, formal e pouco dado a reacções emocionais, e de Carmona, encarnação do "líder popular" por excelência. Fotos de Salazar e Carmona nas cerimónias que marcaram a visita do Presidente da República às colónias africanas. *Anais da Revolução Nacional*, vol. IV, Barcelos, Companhia Editorial do Minho, s.d., p. 272.